



# Jair Coser, protagonista da história da exportação do café brasileiro

*Carine Ferreira*

O trabalho diário no mercado de café e o comando de uma das maiores exportadoras de café do Brasil são atividades que dão vida e motivação ao capixaba Jair Coser, presidente da Unicafé Companhia de Comércio Exterior. Aos 85 anos e com 63 anos de experiência no setor, ele conta que trabalha “24 horas por dia”. Formado em economia na década de 1950, é proprietário da companhia que completa seu cinquentenário este ano e, que desde 1968, já mo-

vimentou 82 milhões e 500 mil sacas de café. Destas, 65 milhões e 500 mil sacas foram enviadas para cerca de 50 países, representando uma receita de US\$ 9 bilhões. O restante foi direcionado ao mercado interno a indústrias torrefadoras e de solúvel.

A sede da companhia fica em Vitória, capital do Espírito Santo, mas abriga escritórios na cidade do Rio de Janeiro, - de onde ele despacha todos os dias entre as oito horas da manhã e

às seis da tarde, - além dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Bahia.

A Unicafé já foi a maior exportadora do grão no país entre 1990 e 2005 e, depois por seis anos, esteve como a segunda colocada neste ranking, mas atualmente ainda está posicionada entre as maiores empresas do ramo, de acordo com o seu presidente. Hoje quem lidera o mercado exportador brasileiro é a Cooxupé, Cooperati-



va Regional de Cafeicultores em Guaxupé (MG). Entretanto, Coser exalta que nenhuma companhia exportadora brasileira alcançou números tão expressivos quanto a Unicafé, sendo também uma das mais longevas no mercado.

Coser veio de uma família pobre, com origem em imigrantes italianos, cujo pai era comerciante. Foi o penúltimo dos sete filhos, dos quais cinco já faleceram. E sua história relacionada ao mundo do café começa em 1955, quando juntamente com seus irmãos Gersino, já falecido, e Otacílio, o mais velho, montaram a Coser Café, que consistia em uma empresa de corretagem do produto em Colatina (ES) - na época o maior município produtor do grão no Espírito Santo -, e uma exportadora em Vitória (ES), com apenas um funcionário.

Tudo foi feito sem nenhum capital, o que ele chama de “desafio aritmético”, mas inserido em um cenário de baixa nos preços do café e da quebraadeira de muitas firmas do ramo. Jair conta que os tempos eram difíceis naquele período, pois não

havia comunicação com o exterior. As mensagens vinham por meio de cabo submarino. “Uma mensagem demorava 24 horas para chegar”, recorda.

A empresa basicamente comprava café do interior e vendia para o exterior. No primeiro ano, foram comercializadas apenas 12 mil sacas do produto. “Foi com a cara e a coragem”, resume Coser ao relembrar o seu primeiro negócio no ramo. Antes, porém, tinha ido trabalhar como office-boy com o irmão Otacílio, que já atuava na corretagem de café. Depois, Otacílio enveredou para o negócio de exportação e importação de café e outros negócios, estabelecendo o que é hoje o Grupo Coimex.

Em 1968, foi criada a Unicafé com três sócios. Um deles, o irmão Otacílio, saiu da companhia em 1974. O outro parceiro, um exportador, também deixou a empresa e Jair Coser permaneceu sozinho no negócio. Ele afirma que, contrariando as opiniões pessimistas dos concorrentes, a empresa continuou firme e forte no mercado. Em 2018, devem

ser exportadas pela Unicafé entre 1,6 milhão e 1,8 milhão de sacas contra 1,4 milhão de sacas no ano anterior, quando a seca no Espírito Santo prejudicou a safra de café conilon.

E para continuar em destaque no mercado, a Unicafé está se modernizando, investindo em gente mais jovem e na informatização, além da diminuição dos custos com armazéns próprios, escritórios e maquinário moderno. E um dos segredos para se manter competitiva ao longo dos anos é investir na qualidade. “O mundo quer café de melhor qualidade”, resume, afirmando que a Unicafé tornou-se um nome mundial e isso também explicaria o sucesso da empresa. “Tem que ter tradição, qualidade, preço”.

Os cafés exportados pela Unicafé vão para grandes torrefadoras e *dealers* (distribuidores).

## O mundo quer café de melhor qualidade



Equipe diretiva da Unicafé

res). Os maiores compradores são Japão, Alemanha e Itália.

No seu currículo, além da Unicafé, consta também o comando de entidades, como o Centro de Comércio de Café de Vitória (ES) e o Centro de Comércio de Café do Rio de Janeiro (RJ), além de ter sido um dos criadores e presidente da antiga Federação dos Exportadores de Café (Febec), que ele classifica como uma unidade do setor exportador contra as burocracias do governo. A Febec permaneceu por cerca de 20 anos ativa como entidade representativa

da classe exportadora, segundo Coser. Também foi por mais de 20 anos representante do estado do Espírito Santo no antigo Instituto Brasileiro do Café (IBC) e defensor da formação do Conselho Deliberativo de Política do Café (CDPC).

Essas posições mostram que, em toda sua trajetória no segmento do café, sempre esteve ligado a várias entidades de representação do comércio exportador. “Era mais jovem e tinha mais vontade de trabalhar”, diz. Atualmente, ressalta que a cafeicultura é mais livre.

Foi entendido que não teria exportador sem cafeicultor. O produtor entendeu que também necessitava do setor exportador junto ao governo, ao mercado mundial. Felizmente, hoje está havendo uma unidade muito maior entre o setor produtor, exportador e industrial. Precisa ter uma unidade para se fortalecer, se defender. Não podia ser como antigamente que cada um puxava para seu lado.

“Hoje há pouca interferência do governo, há mais entrosamento do governo com o setor privado. Como sou cafeicultor e exportador, era mais fácil me meter nas duas classes”, relata. Para ele, havia mais divergência entre produtores e exportadores. “Foi entendido que não teria exportador sem cafeicultor. O produtor entendeu que também necessitava do setor exportador junto ao governo, ao mercado mundial. Felizmente, hoje está havendo uma unidade muito maior entre o setor produtor, exportador e industrial. Precisa ter uma unidade para se fortalecer, se defender. Não podia ser como antigamente que cada um puxava para seu lado”.

A responsabilidade social é outra veia propulsora de Jair Coser. Juntamente com o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CeCafé), ele participou ativamente do Programa de Inclusão Digital – Criança do Café na Escola, um projeto educacional com abertura de salas de informática em diversas regiões produtoras do grão no país. A Unicafé viabilizou, em parceria com o CeCafé, nove laboratórios em escolas da área rural. Coser esteve presente em todas as inaugurações “para prestigiar e fomentar a modernidade da comunicação”. “As pessoas aprenderam a manejar o computador, foi muito importante, tanto que o governo, o Ministério da Educação copiou isso do CeCafé”, afirma. O projeto também contou com a ajuda de empresas importadoras e outras entidades.

Ao longo de sua trajetória profissional, o presidente da Unicafé também já recebeu várias comendas e prêmios, como o de maior exportador de café do Espírito Santo, do Brasil e do mundo. No XXII Seminário

Internacional do Café de Santos, realizado no Guarujá (SP), ele foi mais uma vez homenageado e contou sua história aos participantes do evento.

“Eu acho que eu sou o mais antigo exportador de café do Brasil ... E tenho um prazer muito grande, muito imenso de trabalhar com café”. Ele acrescentou ainda que, em julho de 1956, ocorreu um fato que mexeu com a sua vida. Numa manhã chuvosa pegou amostras de café de três vagões (naquela época, o transporte do produto era ferroviário) e levou os grãos para uma grande firma exportadora de Vitória. Um dos sócios daquela empresa havia dito: “Vocês agora também não são exportadores de café ? Por que não exportam o café, pensam que é fácil ? Tem de ter capital, conhecer mercados, falar outras línguas e vocês não falam direito nem o português, como querem ser exportadores ?”. As amostras foram devolvidas e Coser ficou parado na porta do prédio esperando a chuva passar. E num momento de muita raiva e ódio, falou para si mesmo: “Um dia esses [fdp] vão me pagar”, arrancando muitas risadas e aplausos do público.

O exportador afirmou ainda, durante a homenagem, que não teria “jogado praga” para ninguém, mas o fato é que, com o passar dos anos, a Coser Café já era uma das maiores exportadoras de Vitória. E aquela firma onde ele tinha sido, de certa forma, “humilhado”, fechou as portas, e seus sócios, antes donos das melhores casas e carros da cidade, morreram pobres.

Histórias à parte, Coser também vem trabalhando há cinco anos na sucessão da empresa que ele classifica como “quase” familiar. Em toda sua vida de empresário, sempre

defendeu o trabalho em equipe e deu oportunidade para funcionários qualificados serem sócios da empresa. “Ninguém anda sozinho. Sozinho ninguém é nada”, afirma. Nos quase 50 anos da companhia, estruturou “pequenos sócios” que ocupavam cargos importantes na empresa e que para ele são “melhores que filho” porque contribuíram para todo o protagonismo da Unicafé na exportação de café do Brasil. Sua única filha, Andréa, não atua na companhia.

Três sócios minoritários - Batista Mancini, Ary Bortolini e Carlos Honorato Ferreira - , estão juntos desde a fundação da empresa e são diretores da Unicafé, conta Coser. Uma outra equipe, mais jovem, foi montada com seu sobrinho Fábio Coser (diretor-financeiro) e o genro Octávio Rudge (diretor-superintendente), economista e apontado pelo mercado como seu sucessor. Ambos também são sócios minoritários.

Jair Coser está preocupado em formar uma nova “mentalidade” para o futuro da empresa, ligada à modernidade. E não tem dúvida de que a Unicafé continuará seu legado quando ele não estiver mais participando da companhia. O empresário vai tirando o pé do freio para deixar a nova equipe mais livre na condução do negócio. “Não existe faculdade para comércio de café, é um dom nato, só se aprende com o tempo, só se aprende fazendo”, explica.

Além da Unicafé, Jair Coser também mantém a Unicafé Agrícola, que atua na produção de café, eucalipto e pecuária. A fazenda Galiléia, situada no município de Baixo Guan- du (ES), na Serra dos Aimorés, está substituindo o plantio de café arábica pelo de conilon, de custo mais baixo e produtividade mais elevada. Enquanto no arábica, a produtividade é de 28 a 30 sacas por hectare, o conilon irrigado alcança entre 75 e 80 sacas por hectare.



Jair Coser sendo homenageado no Coffee Dinner 2011

# O Brasil tem o custo mais alto do mundo. É preciso muito esforço para poder sobreviver. O café é quase uma engenharia financeira

Atualmente, são aproximadamente 3 milhões de pés de café na fazenda. Coser avisa que deve manter somente 1,5 milhão de pés de conilon para se produzir aproximadamente 25 mil sacas. Sua decisão em cultivar apenas esta variedade se deve também, além do custo menor, à premissa de que o consumo mundial de robusta apresenta maior taxa de crescimento comparado ao arábica. Segundo ele, o arábica, que perfazia 80% do consumo total de café no mundo, caiu para 60%, enquanto a fatia do

robusta cresceu para 40% do total. E acrescenta outro ponto positivo ao conilon: quando misturado ao arábica, não altera a qualidade da bebida.

Toda a produção de café na fazenda Galiléia vai para exportação. Na propriedade, ainda há o cultivo de eucalipto. Nos municípios mineiros de Nanuque e Carlos Chagas, fica a criação de gado industrial. As duas empresas, a Unicafé e o braço agrícola, empregam juntas 380 pessoas e faturam cerca de US\$ 300 milhões ao ano.

No início da Unicafé, a atividade exportadora era relativamente mais fácil do que hoje, considera Coser. Atualmente, o mercado é mais concentrado, pois as dez maiores empresas adquirem 65% do café produzido no mundo e, no Brasil, as dez maiores exportadoras abocanham cerca

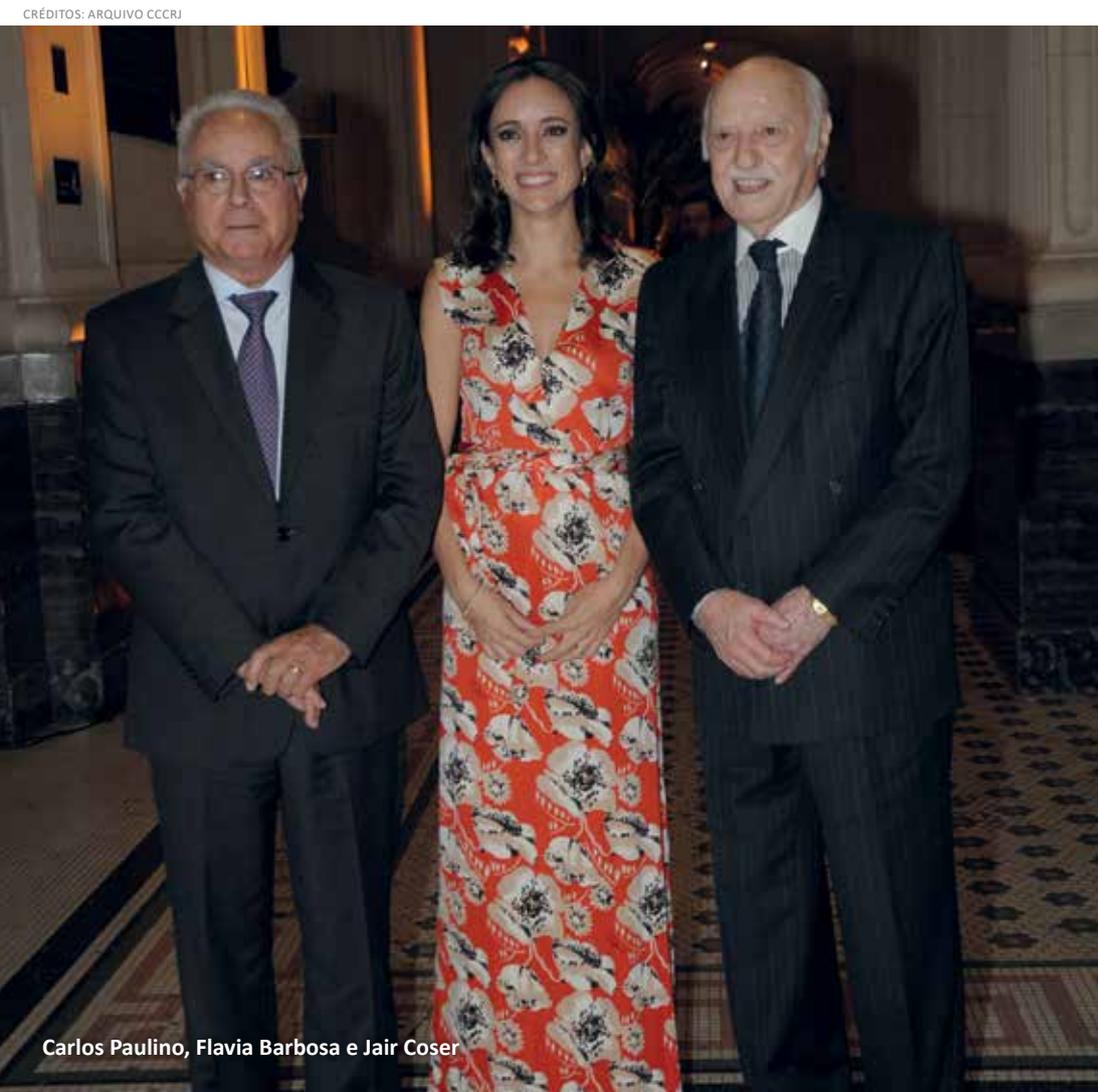
de 65% das exportações brasileiras de café, exemplifica.

Na sua avaliação, o Brasil ainda vai continuar como um grande player no mercado internacional de café, embora o sistema de comércio do produto tenha mudado muito nos últimos anos, com várias multinacionais operando no país. Estas múltiplas têm filiais no exterior e lidam com custos financeiros mais baixos, afirma ele. “O Brasil tem o custo mais alto do mundo. É preciso muito esforço para poder sobreviver. O café é quase uma engenharia financeira”.

Indagado sobre sua perspectiva para o Brasil, Coser diz que o país vive um período difícil. “Não temos nenhum candidato [à presidência do país], mas sou muito otimista e o Brasil vai voltar a ser um grande país, vai se recuperar”.

Em entrevista à Revista do Café, Jair Coser também menciona que sonhava ter uma vida melhor quando era jovem. “Era muito pobre, não tinha luz, água”. O anseio foi realizado, porém, em um momento de descontração, ele brinca que é pior ser velho do que pobre, pois “tudo o que é bom é proibido”. E reclama que hoje tudo é regrado, apesar da boa saúde de um ex-atleta. “Só vou ao hospital para visitar as pessoas”, enfatiza, mas a moto Harley-Davidson, por exemplo, está na garagem, sem uso.

Coser ainda dirige seu carro, vai ao escritório na cidade do Rio de Janeiro e também à fazenda de café. A sua rotina o mantém vivo. “Se eu parar eu morro. Quero morrer trabalhando. Eu vou morrer em cima de café. Minha grande paixão sempre foi o café. Toda minha vida foi pautada no café”. ☺



Carlos Paulino, Flavia Barbosa e Jair Coser

## Experiência reconhecida

Ao longo de 63 anos no mercado, o já aclamado mais antigo exportador de café do Brasil e provavelmente do mundo, Jair Coser também é reconhecido por muitos representantes do setor e autoridades. Abaixo, alguns deles deixam a sua visão sobre o empresário que montou a Unicafé, uma das maiores exportadoras do grão no país:

“

Jair Coser é um dos meus melhores e mais antigos amigos, o que registro com grande orgulho e satisfação. Nossas vidas são muito parecidas, desde a infância pobre e as dificuldades nos estudos, até o sucesso que alcançamos, legitimamente: ele na área comercial e agrícola, eu no serviço público. Jair é um paradigma de trabalho, de lealdade e dignidade profissional que deve ser cultuado e preservado.

”

*Ernane Galvêas, ex-Ministro da Fazenda e ex-Presidente do Banco Central*

“

O agronegócio café é composto por dois elos fundamentais: o da produção e o da comercialização/exportação. Esses elos precisam trabalhar de forma integrada para que o arranjo possa produzir prosperidade, renda e oportunidades. É nesse contexto que se apresenta a liderança de Jair Coser, que expressa a capacidade empreendedora e criativa de fazer com que a produção capixaba e brasileira possam chegar até o consumidor final. Ao longo dessa admirável trajetória, Jair Coser construiu uma estrada de muita reputação, o que faz dele uma pessoa muito querida, respeitada e admirada entre os produtores rurais, em função da integridade com que ele se conduziu e conduziu as empresas que lidera, se transformando, ao longo do tempo, em um orgulho para os capixabas.

*Ricardo Ferraço, Senador da República pelo Estado do Espírito Santo (PSDB)*

”

“

Conheço Jair Coser há mais de 60 anos e, em todo este tempo, construímos uma sólida amizade. A vida profissional dele, como produtor e exportador de café, é um exemplo de capacidade empresarial e dignidade, motivo de admiração e orgulho de todos os seus amigos. Como amigo e conterrâneo, compartilho com entusiasmo da justa e merecida homenagem prestada pela Associação Comercial de Santos.

”

*Antonio Oliveira Santos, presidente da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo*

“

Compartilho com Jair Coser, meu dileto amigo, de uma grande paixão pelo café. Jair é digno das melhores reverências. Com inteligência, dinamismo, notável poder de comunicação e muita disposição para o trabalho, abriu seu espaço no café.

O empreendedorismo é um caminho promissor, mas repleto de percalços que, para serem enfrentados, precisam de uma grande determinação e toque de ousadia. Jair preenche todos esses requisitos. Sua vitória é consequência direta e merecida desta trajetória.

”

*Jônice Tristão, empresário (Grupo Tristão)*